

ROUANET, Sérgio Paulo. **Riso e Melancolia**: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Benilton CRUZ¹
Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA
bencruz@ufpa.br

O livro *Riso e Melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis*, de Sérgio Paulo Rouanet, lançado em 2007 pela Companhia das Letras, traz o prefácio de Eduardo Portella para introduzir o leitor no estudo de um dos casos mais famosos de influência literária: a repercussão da forma shandiana, da obra capital, *A vida e opiniões de Tristram Shandy, cavalheiro*, de Laurence Sterne sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett (com dois tt, senhor ministro!), *Jacques, o fatalista* de Denis Diderot, e *Viagem ao redor do meu quarto*, de Xavier de Maistre. A comparação destes cinco romances resultou naquilo que se poderia dizer da sobrevida de uma forma barroca que encontrou em um escritor brasileiro uma dimensão definidora.

Para Rouanet, a forma shandiana, criada por Sterne, define-se em Machado de Assis. Destaca que, das obras influenciadas, uma vai mais adiante por “levar a perfeição as características da subjetividade shandiana”, será o *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o livro que entre o riso e a melancolia vai encontrar na ironia o equilíbrio, e mais ainda: já que a melancolia não pode ser vencida, então, ela será “fonte indireta da alegria”, “a melancolia pode ser prazerosa”. Chega a apostar que é “o caso pouco banal de um influenciado que influencia a compreensão de quem o influenciou”. A forma shandiana resume-se em quatro itens: 1. A hipertrofia da subjetividade; 2. Digressividade e fragmentação; 3. Subjetivação do tempo e do espaço; e, 4. Interpenetração do riso e da melancolia.

Vejamos o primeiro, 1. A hipertrofia da subjetividade. O termo hipertrofia de origem da medicina grega, provavelmente de Hipócrates, hyper = excesso; trófos = nutrição; ia = sufixo de base latina formador de nomes, comumente achado nos dicionários como “hiper+trophe, desenvolvimento excessivo de um órgão ou parte dele, com aumento de peso e

¹ Professor de literatura do Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA. Doutorando-se em Teoria e História Literária na Unicamp.

volume, devido a um aumento de suas células constituintes”. A palavra hipertrofia migra para a terminologia literária, por conta da repercussão da obra *Anatomia da Melancolia*, de Robert Burton, publicada em 1621 e que muito influenciou Sterne. Para Rouanet, hipertrofia vai significar “soberania do capricho, volubilidade, constante rodízio de posições e pontos de vistas”. Tudo isso convergindo para a performance do narrador que em si já carregaria traços barrocos como a oposição (antítese), no exemplo, da benevolência e crueldade, “querido amigo e companheiro.../asno cabeçudo...” Mas, às vezes pode ser que o leitor em um jogo de fingimento por parte do narrador ganhe estatutos de uma soberania temporária, dentre outras coisas interessantes. Em *Viagens na Minha Terra*, o narrador opina sobre tudo (talvez como nostalgia da onipotência perdida), variando de um “déspota”, para um “caprichoso”, um “simulador”, um “impaciente”. No memorialista Brás Cubas ele é um “senhor absoluto”, irônico: “fino leitor”, “amado leitor”, “pacato leitor”, respeita o entendimento do leitor, oferta ao leitor escolhas, atribui ao leitor “reflexões inteligentes” que o narrador não fez, coopera com o autor, é livre até para não ler, é o próprio narrador em pé de igualdade porque o bíblico barroco vê o mundo como um livro.

2. Digressividade e fragmentação: já que nas formas shandianas a narrativa principal é paupérrima, a digressividade e a fragmentação são o ápice do capricho e volubilidade da nova forma proposta, então, o texto romanesco nunca será uma linha reta. Chegamos na “alma do livro”: a digressão. A narrativa principal é uma ilha cercada de opiniões por todos os lados. A digressão supera o assunto principal. Historietas dentro da história principal. O livro engrossa na medida em que a digressão aumenta, talvez para “criar uma ilusão de objetividade”. A máquina digressivo-progressiva é movida pelo leitor. Para estudo dessas digressões haveria a necessidade de se fazer esquemas. São quatro os tipos de narrativas da forma shandiana, a saber, a narrativa principal é N1, as “digressões extra textuais serão chamadas E, as digressões auto-reflexivas A, as digressões opinativas O, e as digressões narrativas N2, N3, N4, e assim por diante”.

3. Subjetivação do tempo e do espaço. O narrador maneja arbitrariamente tempo e espaço. A própria História passa a ser periférica, circundada pela história de seus personagens. E o que era historicamente monumental passa a ser descentralizado. Esta noção de tempo se familiariza com a de Locke. Para Locke a duração do tempo é subjetiva. O espaço, por sua vez, será o acaso, a Necessidade, o Destino, e até a Morte. Espaço evocado não é o percorrido. Rouanet está sempre pescando características barrocas nos livros de forma shandiana, principalmente a transitoriedade. Quanto ao espaço, novamente a figura do

narrador não estaria assim tão desnordeada, o seu Norte seria uma intrigante subjetivização de tempo e espaço que dá “alma” à digressão, para explicar a questão do tempo em *Viagens ao redor do meu quarto*, de Xavier de Maistre: “o narrador percorre um espaço muito maior do que está na planta. Mas o espaço é maior sobretudo porque para a ‘alma’ o mundo inteiro cabe dentro do quarto, e este expande, para quem tem imaginação, até atingir as proporções do universo”. Fica claro, então, que espaço e tempo são subjetivos.

4. Riso e melancolia. O título do trabalho resume a visão do sociólogo brasileiro sobre o assunto: o riso não é remédio contra a melancolia. O riso teria uma grande vantagem: ele produz leitores ideais. Rouanet acredita que *Tristram Shandy* fora escrito para combater a melancolia. Aposta que o livro de Sterne está de acordo com Eclesiastes, assim seria naturalmente barroco, mas em relação à literatura antiga, o livro de Sterne assume certas filosofias da Antiguidade e às vezes as rejeita, como na questão do tempo-espaço e na questão da mortalidade. Verifica a melancolia sob efeito do riso nos livros que adotaram a forma shandiana, a melancolia é ridicularizada em *Jacques, o fatalista*, para quem encontrou a fórmula da impassibilidade spinoziana, “nem rir nem chorar, compreender” que apregoa o verdadeiro fatalista: nunca ir além do que se pode (*nec plus ultra*, expressão latina que significa que devemos buscar um limite seguro da sabedoria). Em Xavier de Maistre, o prazer dará lugar a uma forma de contrariar a melancolia. A melancolia em Xavier de Maistre se aproxima da do Mal do Século, vê uma tríade (novamente) melancolia, juventude e estado de espírito. Maistre não ri da tristeza como Sterne, tempera riso e melancolia. Em Garrett, mistura-se riso e seriedade, ainda que se acredite em um remédio: “o riso não é uma arma a serviço dos bons sentimentos, e sim um antídoto contra a melancolia”. Destaque para a divisão feita por Rouanet para a melancolia pública e a melancolia particular no romance de Garrett. A melancolia pública é a decadência de Portugal; a particular estampa um autor decepcionado na vida, amor, morte e política. Brás Cubas, porém, descrê que o riso possa curar a melancolia. A metáfora do emplastro Brás Cubas seria de todo a prova do engodo, principalmente, o de ordem metafísico. Uma idéia “pendurou-se-me no trapézio que eu tinha no cérebro”, lembra de Brás Cubas uma invenção “nada sublime”, a idéia que matou seu inventor. Rouanet, shandianamente (Sterne se apóia também nas descobertas de Copérnico para criar sua maquinaria digressivo-progressiva da narrativa), interpreta até as passagens que Machado de Assis cita Saturno, o planeta da melancolia e das antíteses para corroborar sua tese barroca.

A grande sacada machadiana é que a “a melancolia podia ser prazerosa”. A morte é dessacralizada desde o famoso prefácio “Ao verme que primeiro roeu as carnes frias do meu cadáver...” essa absurda declaração seria indício do que vai provocar todo o livro, riso e melancolia. A obra-prima de Machado seria uma espécie de continuidade metafísica do livro de Laurence Sterne, principalmente, no que tem o narrador do além-túmulo a nos contar que a melancolia não tem cura.